Ano 29.º — Sábado, 16 de Maio de 1936 — N.º 1423

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

16 de Maio

—o—

Eis uma data que na história política de Aveiro se acha vincada e da qual, a-pezar-de decorridos 108 anos, ainda se fala e recordam nomes a ela ligados. E' que foi no dia 16 de Maio de 1828 que Joaquim José de Queiroz, rodeado de outros conspiradores, como êle, contra o despotismo de D. Miguel, ergueu a sua voz na praça pública a favor da Carta Constitucional, partindo, em seguida, para o Pôrto a continuar a obra revolucionária, que fracassou, para triunfar mais tarde, ainda com o seu auxílio, visto pertencer ao número dos *sete mil e quinhentos bravos do Mindelo* que em 1832 se bateram pela Liberdade na capital do norte.

Joaquim José de Queiroz, além de conseguir a solidariedade do batalhão de Caçadores 10 aquartelado em Aveiro desde 1816, teve também por companheiros dedicados nos manejos em que andava empenhado, José Estêvão, Mendes Leite, João de Melo Freitas, Jerónimo de Morais Sarmento, tenente-general Pedro António Rebocho, João António de Morais, Filipe Luiz Bernardo, António Joaquim de Morais Sarmento, Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima, Manuel Luís Nogueira, Clemente de Melo Soares de Freitas, Francisco Silvério Carvalho de Magalhães Serrão, Clemente de Morais Sarmento e João Henriques Ferreira, dos quais os últimos seis fôram presos e enforcados, encontrando-se as suas ossadas num monumento que a Municipalidade de 1865 mandou levantar a êsses sacrificados no centro do nosso cemitério.

Um horror, o que se passou nessa época!

Contudo, a razão e a justiça prevaleceram; as medidas opressoras de D. Miguel aluiram a tirania desfez-se por não poder resistir à fôrça das armas.

Tem Aveiro a glória de, num dos seus largos, a antiga Praça do Comércio, junto aos Arcos, se haver iniciado o movimento. Rejubilêmos com isso. E curvêmo-nos no dia de hoje ante a memória lá mandada colocar pelo *Club dos Galitos* para perpetuar aquêles dos aveirenses que pela Liberdade sofreram no exílio, nas prisões, na fôrca, nos combates e nas revoluções.

E' êsse o nosso dever, a nossa obrigação como povo livre, independente.

Glória aos Mártires!

Azaña

=o=

Êste conhecido político da vizinha República Espanhola foi, no domingo, eleito para a chefia do Estado em substituïção de Alcalá Zamora, que a Frente Popular depôz aliada com outros elementos esquerdistas. Transita, pois, o sr. D. Manuel Azaña Diaz, do Govêrno, a que presidia, para a mais alta magistratura da nação e numa época agitada, cheia de incertezas, de apavorantes inquietações visto não se achar resolvido o problema da ordem.

Dá-á o sr. Azaña conta do recado?

Eis a incógnita, não obstante a fama de que gosa de ser um inteligente e hábil político.

Vamos a vêr.

Não está bem

—o—

Pedem-nos que chamêmos a atenção dos Serviços Municipalizados para as teias que cobrem algumas lâmpadas da iluminação pública e que denotam imperdoável descuido.

Se a limpêsa Deus a amou...

A nós, simpáticos Vianenses!

Aveiro estende-vos os braços

E' de alegria o dia de hoje. De alegria, de satisfação, de contentamento por mais uma vez a cidade ser distinguida com a visita dum povo amigo — o povo de Viana do Castelo. Nós, porém, não sentimos só alegria, satisfação, contentamento, por que rejubilâmos com a presença de tão distintos hóspedes.

Viana do Castelo é uma pérola a destacar-se no meio dos vergeis que formam a estonteante belêsa do Minho. E tão alto subiu um dia na elegância de receber, de acarinhar os aveirenses, que isso, não tendo passado despercebido, nos obriga a acolher, também de braços abertos, os seus dignos representantes. É o que logo iremos fazer à chegada do Grupo Cénico Sá de Miranda e de quantos o acompanham, expressando-lhes dessa maneira a viva simpatia que nos prende à encantadora e sempre gentil Princêsa do Lima.

CARTA DE LISBOA

Salazar no Ministério da Guerra

A defêsa nacional, que hoje se impõe a todos os govêrnos e merece, na verdade, um estudo sério e toda a espécie de sacrifícios, devido à incerteza mundial da hora presente, encontrou, certamente, em Salazar o homem indispensável à sua resolução em Portugal.

Quando Sua Ex.ª assumiu, há dias, a pasta da Guerra, em substituïção do sr. coronel Passos e Sousa, que foi exonerado a seu pedido, êste ministro cessante não hesitou em declarar, ao transmitir os poderes ao sr. Doutor Oliveira Salazar, que êle, no desempenho das funções desta nova pasta, prosseguirá na sua obra notável, alargando ao Exército o ressurgimento que nos vários ramos da actividade governativa tem insuflado.

E o sr. Major-General do Exército, que falou por último, disse ser conveniente, em momento tão difícil, que tudo quanto se refere à Defêsa Nacional obedeça à superior orientação de quem, no elevado cargo de que Sua Ex.ª está investido, tão sobejas e incontestáveis provas tem dado de um superior espírito organizador e de um alevantado e grande patriotismo.

Mas o que mais interessa focar, pelo desassombro e clareza das suas palavras é, sem dúvida, o discurso do sr. Presidente do Conselho e Ministro das Finanças, que, depois elogiar e agradecer os serviços prestados pelo ministro cessante, afirmou:

—«Temos de ter em prazo relativamente curto o Exército que nos é necessário para a defêsa dos grandes interêsses da Nação. Para êsse objectivo—acrescenta—é que me disponho a sacrificar mais um bocado da minha vida, pondo ao serviço desta causa a maior liberdade de movimentos e de acção que me pódem dar a minha qualidade de civil, a Presidência do Conselho e o Ministério das Finanças.»

A seguir, referindo-se à necessidade de preparar o Exército para tão honrosa missão, preveniu: —«Isto significa que essa finalidade dominará o pensamento, a acção, os interêsses, a vida das pessoas, dos organismos, dos serviços, das colectividades.»

Fica, pois, traçado o plano do ressurgimento do nosso Exército e, conseqüentemente, o da Defêsa Nacional.

E como o pensamento em Salazar é já acção ficâmos também com a certeza de que êsse plano vai ser imediátamente realizado, de harmonia com as realidades do momento e tendo sempre em vista o prestígio e o interêsse da Nação.

Pelo mundo

Enquanto Portugal se afirma, dia a dia, pela tenacidade e prestígio do seu esfôrço e Salazar nos impõe cada vez mais a todos os povos pela grandeza moral da obra realizada, contínia a lavrar pelo mundo uma verdadeira onda de confusão e desvairo, que ameaça perigosamente os próprios fundamentos da civilização e póde ser a origem duma das guerras mais ferozes e sangrentas de todos os tempos.

Deus, que fez as nações curáveis, há-de certamente dispôr que êsse perigo não passe de lição e exemplo para todos aquêles que, esquecidos dos seus deveres de humanidade, mais têm contribuido para a efervescência social da hora presente.

Mas isso, porém, não servirá nunca de defêsa aos nossos êrros e fraquezas e só a luta no bom combate das verdades eternas é que nos póde remir e tornar merecedores da vitória final.

C.

"MENINAS... DA NOSSA BARRA„

E' assim intitulada a revista regional que o *Grupo Cénico de Viana do Castelo*, cuja chegada se anuncia para as 17 horas e meia, hoje representa no Teatro Aveirense. Espectáculo dedicado ao *Grupo Cénico do Club dos Galitos*, para êle e para a recepção aos vianenses, junto ao Monumento aos Mortos da Guerra, no princípio da Avenida, convida o nosso Club a gente da terra, pois se trata de estreitar, ainda mais, se isso é possível, as relações amistosas há muito existentes entre Aveiro e Viana.

O Democrata lá estará, como lhe compete. E' êsse um dever a que não sabemos faltar, pois nunca póde esquecer a delicadêsa, o entusiasmo e a afabilidade com que os aveirenses sempre foram recebidos na linda cidade do Minho.

Fátima

Noticiam os diários que se juntaram na Cova da Iria, na noite de terça-feira para quarta em que se realisou a procissão das velas, implorando a protecção da Virgem, tantos milhares de pessôas de ambos os sexos, que, se se pudessem contar, talvez ascendessem a cento e cincoenta mil!

Ora aqui está um milagre deante do qual nos curvâmos por ter posto côbro à canalização do nosso dinheiro para Lourdes.

Vida cara

Toda a gente se queixa da carestia dos géneros de primeira necessidade e contra ela protesta, apontando os açambarcadores da batata nova como os principais responsáveis do preço que tem no mercado.

Mas então isso não se poderá evitar?

Não terão as autoridades meios de nos defenderem a bolsa, metendo os exploradores na ordem?

Bem sabemos que o ano correu mal para a agricultura. Todavia há preços que se não justificam e nessa conformidade ousâmos chamar a atenção de quem nos possa valer de fórma a poupar-nos a camisa...

O serviço de regas

E' deficiente, como já o foi nos anos anteriores, êste serviço, sendo necessária a sua regularização de maneira a evitar reclamações. Também entendemos que, ao domingo, se deviam regar as ruas, pois é nêsse dia que o trânsito de veículos aumenta, dando lugar a levantarem-se espessas núvens de poeira.

São pequeninas coisas que precisam ser ponderadas por quem de direito para evitar censuras para nós sempre desagradáveis.

Movimento automobilístico

Para Fátima e de regresso atravessaram esta semana a cidade muitíssimos carros ligeiros e camionetes com peregrinos do norte, dando-lhe uma nota de desusado movimento.

Excelente. Mas o peor é que a estrada que vai ter à Barrocada já se acha, em parte, esburacada e se não lhe acodem bréve estámos no mesmo.

O que hoje constitue fartura, transformar-se-há em fome...

E isso não é das melhores coisas.

Exposição-Feira

—o—

E' àmanhã que abre em Santarém a anunciada Exposição-Feira, que durará até o fim do mês, tendo a animá-la várias diversões, como touradas, corridas de automóveis, hipismo, etc., etc.

A Câmara Municipal, Junta Geral, Comissão de Turismo, Associação Comercial, enfim, tudo quanto em Santarém existe de importância e pêso, deu-lhe o seu apôio.

Que contraste com as *fôrças vivas* da nossa terra!

Os jornais

—o—

Anunciam-se várias medidas adoptadas pelo Govêrno e que visam a fixar o número de páginas que cada diário pode publicar semanatmente, isto além doutras disposições genéricas a que ficam sujeitas as publicações sob a alçada da censura previa.

Compreendêmos.

Uma data e uma afronta

—o—

Faz hoje oito anos que a propósito dos festejos comemorativos do centenário do movimento liberal, que teve o seu início nesta cidade, foi apeado o nome do eminente republicano dr. Miguel Bombarda da rua onde o colocou a primeira vereação municipal que se seguiu à queda da monarquia, sendo substituido pelo de Santa Joana Princêsa de Portugal.

A afronta à memória do insigne psiquiatra, que tanto trabalhou para o advento da República, foi levada a efeito por indicação do *grande panfletário*, que, quanto a convicções e coerência, é como se sabe.

Ou êle não pertença ao número dos *históricos* e não tivesse já contribuido para a Juventude Católica...

Iluminação da Avenida

Já desapareceram do meio da Avenida Central os altos postes que durante alguns anos tiveram por fim servir a iluminação pública.

A perspectiva, agora, é outra. O que fará quando estiverem alinhados os candieiros, que a Câmara encomendou e vão ser colocados ao longo da sumptuosa artéria citadina!

Nem se fala...

"Ao cantar do Galo„

—o—

A revista regional que o grupo cénico do *Club dos Galitos* traz em ensaios e cuja *première* se anuncia para 30 do corrente, continúa a despertar interêsse dado o valor de certos elementos que nela desempenham papeis e que já teem pisado o palco. Acresce ainda a circunstância de ser dotada de bôa música e de nos seus 11 quadros estarem fixados motivos da nossa terra, com alusões várias, mas sem ferirem susceptibilidades. Está lhe reservada, por tudo, um completo êxito.

Congresso Beirão

—o—

Activam-se os preparativos para que a magna assembleia regionalista que, em princípios de Julho, inicia os seuas trabalhos em Coimbra, corresponda à espectativa.

A Comissão organizadora já reuniu e aprovou o regulamento a observar, tendo também sido apresentado o projecto do programa do Congresso, que termina com um banquete de confraternização.

Depois seguem-se as festas da Raínha Santa que prolongarão o movimento por mais alguns dias.

Os conimbricenses campam, êste ano...

José Estêvão

—o—

No dia 16 de Maio de 1864, faz hoje, portanto, 72 anos, chegaram a Aveiro os restos mortais de José Estêvão Coelho de Magalhães, que havia falecido em Lisboa a 4 de Novembro do ano anterior.

Apenas o combóio deu entrada na *gare* da estação foi o vagon, em que êles vinham, desatrelado e conduzido para o passo de nível de Esgueira onde se organizou o funeral. A multidão que às 4 horas da tarde se aglomerava ao longo da estrada, era enorme. Difícilmente se organizou o préstito, calculando-se em perto de mil as pessoas que empunhavam velas acêsas e formavam alas adiante do caixão. Um grupo de artistas compôsto pelos srs. Francisco da Luz e Costa, Jerónimo Pereira Caniço, José Maria de Carvalho Branco, Adão de Sousa Moreira, Manuel da Rocha e António Marques de Almeida, tendo solicitado a honra de trazerem nos seus braços o eminente orador à derradeira morada, não desistiram dêsse intento e conseguiram-no não obstante o excessivo pêso.

Ladeava o féretro uma comissão de estudantes da Universidade de Coímbra e atraz seguiam aquêles que com José Estêvão mais intimamente conviveram durante a vida, encorporando-se também a banda da Fábrica da Vista Alegre e o administrador do importante estabelecimento fabril com os seus operários, as duas bandas locais, a Amisade e a Aveirense, uma fôrça militar de grande uniforme e com as armas em funeral, todas as autoridades concelhias, representantes do Govêrno, etc., etc. O trajecto foi pela estrada até Sá, depois Rua do Gravito, Rua Larga, Costeira, Rua Direita, Rua de Jesus, Corredoura e cemitério. Aqui e junto do jazigo de família, esperavam a chegada do cadáver duas alas de senhoras vestidas de rigoroso luto, com tochas acêsas. Antes, porém, de dar entrada na capela proferiram sentidos discursos os srs. Rezende Júnior, Bandeira de Melo, Bernardo de Magalhães, João de Sá, os académicos Elmano da Cunha e Henrique Ferreira e ainda o nosso conterrâneo dr. Bento de Magalhães, que se exprimiu assim:

«Nesta mansão de mortos vem hoje descansar um morto, que há-de viver por muito tempo na memória dos vivos. Se a alma voou para Deus e do corpo nada mais restará em bréve do que um punhado de pó, as virtudes não se escondem na campa porque não tem poder a morte para aniqüilá-las.

Os grandes génios não descem inteiros à sepultura. A sua melhor parte sobrevive na terra; porque as grandes obras e as grandes ideias, transpondo os séculos, conquistam a imortalidade no mundo.

O entranhável amor dos homens, o trabalho incessante para fazê-los ditosos, a vida sempre honrada, a abnegação do interêsse próprio e até o martírio, vão servindo nas gerações de estímulo para muitos, de lição e de exemplo para todos. É assim que o homem grande, mesmo depois de ter voltado para o nada, fica sendo benfeitor perpétuo da humanidade. E aquêle, que é já quási mingado esqueleto nêste ataúde, era tão grande, que nem tinha emulos! A inveja ignóbil, essa viu êle muitas vezes armada contra si; mas a sua alma pura nunca foi empanada pelo ódio, e a última vingança com que exultava o seu coração magnânimo era cumular de benefícios os seus maiores detractores.

É sempre a prosperidade quem paga a dívida de desafrontar das injustiças dos homens os grandes vultos. José Estêvão foi raríssima excepção. Apenas morto, ainda ninguém teve mais completo desagravo. Foi êste, e já póstumo, o seu maior triunfo.

Viu sempre com indiferença erguerem se muito abaixo de si grandes fortunas. A sua — aquela por que anhelou sempre o seu coração — nunca foi outra senão a prosperidade do seu país.

Honra e gratidão — senhores — à

Roubo audacioso

=o=

No meio da manhã de 26 do mês findo foi assaltada, na Rua do Seixal, a casa em que habita o sr. Manuel de Oliveira Santos, com negócio de carnes, fruta e hortaliças no mercado e da qual lhe roubaram aproximàdamente 500$00 em dinheiro e uma barrete, dois aneis, um par de brincos e um cordão com uma libra em ouro, tudo pertencente à criada Rosa Fernandes e no valor de 1.400$00. O sr. Santos fez à polícia a devida participação; mas o que é certo é que do larápio ou larápios ninguém sabe, pelo que há necessidade de toda a gente se precaver contra as visitas inesperadas de quem não é costume fazer-se anunciar...

Isto, claro, se assim o entenderem.

BENEMERENCIA

—o—

O nosso amigo, sr. Francisco Pinto de Almeida, há muito estabelecido com ourivesaria ao princípio da Rua Combatentes da Grande Guerra (antiga Rua Direita) entregou-nos 100$00 para sufragar a alma de sua esposa, sr.ª D. Laura Marinho Ribeiro de Almeida, que faz hoje 15 anos se finou. Destinam-se aos pobres protegidos pelo *Democrata*, por quem vão ser distribuídos, agradecendo nós ao sr. Francisco Pinto de Almeida mais esta prova de generosidade para com os infelizes da terra.

DIA CHEIO

=o=

Veem passar àmanhã o dia a Aveiro os quintanistas de tôdas as faculdades da Universidade de Coimbra, os novos quintanistas de medicina da Universidade do Porto, que visitarão o Hospital e o Parque e irão, pela ria, até S. Jacinto e um numeroso grupo de ciclistas do *Sporting Nacional*, de Coimbra, que almoçarão na Costa Nova.

Isto que nós saibâmos. E já não é pouco.

Daqui tira-se a seguinte conclusão: Aveiro precisa de corresponder ao progressivo aumento de turistas que de ano para ano se verifica.

E não pomos mais na carta. Entenda-nos quem quizer.

A luta contra a tuberculose

O sr. dr. Adérito Madeira fala, no Teatro Aveirense, sobre a terrível doença

Preconisa-se a edificação dum sanatório marítimo em Aveiro

Teve lugar no sábado último, como noticiámos, uma sessão de cinêma cujo produto reverteu a favor da Assistência Nacional aos Tuberculosos. Antes, porém, de se lhe dar inicio, o sr. dr. Adérito Madeira que, com a maior dedicação e proficiência, dirige, nesta cidade, o Dispensário Anti-Tuberculoso, falou para os espectadores que se achavam no teatro, dizendo-lhes :

«Cumpre-me, em primeiro lugar, e faço-o gostosamente, agradecer a V. Ex.as o facto de terem vindo a esta sessão e, assim, mostrarem o interêsse que lhes merece a obra da A. N. T.

Pódem estar descançados, que eu não os venho importunar. Não é uma conferência ou palestra, é apenas uma conversa despretenciosa e modesta, como modesta é, também, a instituição que sirvo; uma instituição de caridade, que vive exclusivamente da caridade dos outros.

Permitam-me que lhes roube uns minutos.. Para mim, e para V. Ex.as, seria muito mais simpático e interessante falar de um assunto cheio de vida, movimento e côr... Infelizmente, nesta ocasião, não vem a propósito.

São assuntos a tratar com a «nudez forte da verdade», e nem sequer podemos envolvê-los com o «manto diáfano da fantasia».

Há problemas que urge resolver e o problema da tuberculose é um dêles. Poderei eu, com um têma tam prosaico, dar a esta conversa um carácter interessante? Certamente que não. Perdoai...

Falar de tuberculose, dizer o que, infelizmente, todos os dias se ouve,—não está pròpriamente no meu programa. O que me traz aqui é, exclusivamente, o desejo de pôr o público ao facto do que se passa no Dispensário desta cidade e submeter a minha acção e a da A. N. T. ao seu julgamento.

Como tôda a gente sabe, sirvo-me, muitas vezes, da Imprensa para êste fim, e apraz-me apresentar-lhe, publicamente, os meus agradecimentos.»

Faz, a seguir, o relato do movimento do Dispensário no ano de 1935, que ainda há pouco o *Democrata* inseriu, e continúa:

«Em face dos números que acabo de expôr a V. Ex.as, póde afirmar-se que no Dispensário se faz alguma coisa.. Procuro trabalhar com desvelado cuidado, prestando aos doentes, não só os socorros clinicos, como também aquela assistência moral de que o seu depauperamento tanto e tanto carece.

O estado moral do indivíduo reflecte-se sempre no seu estado físico, e vice-versa. O doente precisa tanto de assistência física como de assistência moral. E devo dizer-lhes que esta última merece um grande interêsse, um carinho especial. Não há nada neste mundo que mais fira a minha sensibilidade do que ver todos felizes e alegres em volta de mim. A minha maior felicidade é poder proporcionar felicidade e alegria aos outros.

Quando, nos dias de consulta, entro no Dispensário, o meu primeiro cuidado é modificar o ambiente pesado daquela sala onde só se vêem doentes, ambiente criado por quem sofre e espera lenitivo para o seu sofrimento.

Uma graça para um, uma frase irónica para outro, uma palavra de alento e coragem para muitos, —e tudo isto com uma expressão bem vincada de alegria, optimismo, bom humor.

Ali, não tenho, nem posso ter aquele ar frio e catedrático do médico-director. Procuro ser para êles um amigo sempre pronto para os servir, para os atender, com aquela solicitude e bôa vontade que o meu cargo, a minha sensibilidade e a minha própria profissão impõem.

Terá o Dispensário feito muito? Terá feito pouco? Tem feito, certamente, aquilo que tem podido. Se mais não fez, foi porque mais não pôde fazer. Pequeninas campanhas se têm esboçado contra aquela Casa. E digo pequeninas, porque, certamente, não têm encontrado aceitação no público consciente e honesto que conhece bem a vida do Dispensário. A organização da A. N. T. tem defeitos, provenientes, na sua grande maioria, da falta de recursos.

Mas que nos interessa a nós, que nos apontem êsses defeitos, se não nos ensinam ou proporcionam a maneira de os remediar?

A obra da A. N. T. é, como as estatísticas e comprovam, insofismàvelmente útil e eficiente. Basta dizer-se que a mortalidade baixou, nos últimos 5 anos, 16,5°/o, período durante o qual se intensificou a luta contra a tuberculose. Desde 1931 até hoje, espalharam-se pelo País 16 Dispensários distritais e 40 concelhios, nas localidades onde a moralidade pela tuberculose era maior. Enquanto que em 1931 psssuímos apenas 895 leitos nos nossos Sanatórios, hoje podemos dispôr de 1240. Dirão V. Ex.as: mas isso é pouco! Concordo absolutamente. Mas V. Ex.as hão de concordar também que a obra da A. N. T. está no seu início e que, num País, pobre como o nosso, estas coisas não se pódem organizar com a rapidez e eficiência que seria para desejar.

Este problema tem merecido ao actual govêrno um especial carinho, pois tem auxiliado a A. N. T. com verbas importantes e esperamos que, com o auxílio de todos, dentro de alguns anos se possam ter os serviços de luta contra a tuberculose montados de molde a *esmagar* o mal, e duma maneira decisiva.

Iniciaram-se já as obras do grande Hospital-sanatóaio do Porto, bem como principiaram também a ser edificados os primeiros dois sanatórios distritais—um, em Viseu, e outro no Funchal. Quando pertencerá a vez ao distrito de Aveiro?

O meu maior desejo era que nesta cidade fôsse construído, em local adequado, é claro, um sanatório marítimo para tratamento das formas de tuberculose para que êle está indicado. Os nossos doentes pulmonares seriam distribuídos pelos sanatórios distritais que pelas suas condições e pela sua altitude estivessem indicados para as diferentes formas e para a evolução da doença, recebendo também o nosso sanatório doentes de qualquer parte do País.

Mas, para tal se conseguir, preciso do concurso de todos os aveirenses que tenham vontade de fazer alguma coisa de útil para a sua Terra e para o País.

Queria em volta de mim gente de vontade firme, companheiros de trabalho e de luta, cheios de fé e de energia para se poder minorar—como é o nosso dever—o sofrimento de tantos infelizes.

Brevemente vai realizar-se o costumado peditório, em favor da A. N. T., e, por isso, e muito encarecidamente, peço a todos que auxiliem, na medida das suas possibilidades. sem sacrifício de maior, com o seu óbulo, a prestantíssima obra da A. N. T., porque, além de tudo, defendemo-nos a nós mesmos e defendêmos, minhas Senhoras e meus Senhores—os nossos filhos.

Precisamos de mostrar que a obra da A. N. T., em Aveiro, nos merece interêsse, que queremos o nosso sanatório distrital, pois temos condições climatéricas como poucos distritos para possuir um sanatório marítimo. Se se juntarem os nossos esforços, comisenção, vontade enérgica, persistência e tenacidade, podemos ter a certeza absoluta de que a vitória será nossa.

Nestas obras de assistência devemos pôr sempre de parte as questões de ordem política ou pessoal, porque os homens passam e as obras ficam, os homens desaparecem, mas perduram as obras feitas para bem da Humanidade... da humanidade que sofre.

Urge que às classes desprotegidas da sorte e da fortuna sejam proporcionadas condições de vida e de bem estar que as ajudem na luta contra esta terrível doença. Habitações higiénicas, onde o Sol apareça com tôda a sua pujança e onde o espreite, envergonhado de tanta miséria e desconfôrto.

O Estado, absolutamente integrado neste ponto de vista e colaborando com a A. N. T., tem promovido a construção de bairros económicos que muito virão beneficiar as condições de vida e de saúde das classes desprotegidas.

Aveiro, terra de encantos e de maravilha, cheia de sol, luz e do brilho que lhe dá o espelho das suas águas, tem de caminhar na vanguarda do progresso. Temos de provar a tôda a gente que os aveirenses ainda não se deixaram adormecer pela canção dolente das ondas que se quebram junto da sua costa.

Podem V. Ex.as contar com a boa vontade da A. N. T.. Contem também com a minha boa vontade e energia e tenham V. Ex.as a certeza de que nesta luta, e enquanto tiver saúde, serei o último soldade a depôr as armas.»

O sr. dr. Adérito Madeira recebeu, ao terminar, uma prolongada salva de palmas.

Precalços...

—o—

O *Fafe* e o *Àrrasca* são dois cavalheiros que de vez enquando têm de ajustar contas com a polícia.

O primeiro é um tocador emérito de violino com que faz serenatas acompanhado do segundo, costumando também beberem ambos o seu copo quando a sêde aperta ou falta a inspiração...

Aconteceu, porém, que um copo a mais deu orígem a tamanha zaragata que o *Àrrasca* além de ficar alanhado, com a *fachada* deitada abaixo, têve de responder no Tribunal Militar devido a ainda estar sob o fôro militar, por desrespeito à autoridade.

Respondeu agora em Viseu e ficou absolvido.

Anda contente. Mas não se meta noutra se é que tem amor à caveira...

Festa escolar

—o—

Muito apreciada e elogiada a colaboração das crianças das escolas primárias e infantis nos dias em que aqui se realisaram as conferências pedagógicas e para os quais deram dois números assás primorosos. O primeiro consistiu numa de parada ginástica no Campo de S. Domingos que, todavia, não teve o relêvo que era de esperar devido à invasão do recinto pela assistência e o segundo uma *matinée* no teatro em que o trabalho das crianças arrancou nutridos aplausos tanto na parte orfeónica como na declamativa.

Sim, senhor: admirável todo o conjunto, pelo que não regateâmos louvores aos miúdos, sem distinção, e aos professores que os levaram a tão correcta exibição. Dêstes, porém, permitimo-nos destacar o sr. José Duarte Simão a quem se deve muito do êxito alcançado por ser incontestàvelmente um elemento de reconhecido valor no meio da sua classe.

Ao espectáculo assistiram, além das autoridades escolares, muitos convidados que, por completo encheram a casa.

O dirigível Hindemburgo

—o—

Esta grande aeronave alemã fez na semana passada a travessia transatlântica de Friedrichshafen a Nova-York, levando, apenas, 62 horas!

Bateu o *rècord* da velocidade. Uma maravilha!

VIDA POLÍTICA

Salazar, ministro da Guerra

Por o sr. coronel Passos e Sousa ter pedido a demissão de ministro da Guerra, assumiu a gerência daquela pasta o sr. Presidente do Conselho, doutor Oliveira Salazar, que tomou posse na segunda feira. No acto, revestido de simplicidade, disse o ministro demissionário ao seu sucessor:

«Tenho a honra de saudar em V. Ex.ª o novo ministro da Guerra.

Feliz ensejo tem o Exército de vêr à sua frente alguém mercê de cuja acção temos a certeza de que se vai tornar extensiva a êle a cruzada de ressurgimento nacional. Desejo, pois, a V. Ex.ª, sr. doutor Oliveira Salazar as maiores prosperidades no exercício das suas novas funções por ter a certeza de que de aí resultará a grandêsa e prestígio do Exército.»

Ao que Salazar respondeu:

«Cumpro em primeiro lugar o dever de apresentar ao sr. coronel Passos e Sousa os agradecimentos do Govêrno e os meus agradecimentos pessoais pelos serviços prestados durante o período que se encontrou sobraçando a pasta da Guerra. Ficam no meu espírito as mais penhorantes recordações do seu zelo, dos seus esforços, da sua dedicação e lealdade a uma situação e a uma obra que sempre o consideraram como um dos principais e mais prestigiosos defensores. O seu lêma de servir nos postos que lhe são confiados, obriga-o a pôr de lado considerações ou comodidades pessoais e a nem mesmo ter como sacrifício aquilo que para tôda a gente o seria fóra de tão elevado conceito da vida e da profissão militar. Esta simplicidade e desinterêsse na sua categoria e com o seu passado são uma lição que tenho o dever de anotar.

E agora só mais duas palavras:

Temos de ter em prazo relativamente curto o Exército que nos é necessário para a defêsa dos grandes interêsses da Nação. Para êsse objectivo é que me disponho a sacrificar mais um bocado da minha vida, pondo ao serviço desta causa a maior liberdade de movímentos e de acção que me podem dar a minha qualidade de civil, a Presidência do Conselho e o Ministério das Finanças. Pode parecer muito pouco, como declaração de posse, e no entanto é tudo.

Isto significa que essa finalidade dominará o pensamento, a acção, os interêsses, a vida das pessôas, dos organismos, dos serviços, das colectividades. A ela se subordinarão as preferências individuais, os costumes mais ou menos consagrados, as idéias ou processos mais ou menos envelhecidos e ineficazes. E não haverá resistências inúteis. Diante de tão altas preocupações como quero que sejam as da fôrça armada, diante duma grande ambição que aliás se confessa com o coração puro e se há-de realizar por processos cuja justiça seja transparente e espero serão desprovidos de violência, tôdos se convencerão de como são mesquinhas e indignas de nós e dêste momento as pequenas coisas, reais ou imaginárias, teimosamente postadas na primeira linha das aspirações ou preocupações de tantos. E nada mais, porque o resto, que é de costume nestas ocasiões, ou todos o sabem já ou não o sei eu ainda.

Agradeço a comparência de V. Ex.as e dêsde já agradeço também, se não fôsse serviço, o cumprimento do que terei de exigir-lhes.»

E o sr. Major General do Exércite, acrescentou:

«Cabe-me, por lei, a honra de apresentar a V. Ex.ª os cumprimentos do Exército. No momento grave em que a Europa se debate e dadas as especiais circunstâncias do exército português faço êsses cumprimentos com a maior satisfação, no que julgo bem interpretar o sentimento de tôdo o Exército pois que tôdo êle deseja mais do que nunca valorizar-se para poder arcar com as pesadas responsabilidades que àmanhã lhe poderão ser exigidas.

Em momento tam difícil, conveniente é que tudo quanto se refere à Defesa Nacional obedeça à superior orientação de quem no elevado cargo de que V. Ex.ª está investido tam sobejas e incontestáveis provas tem dado de um superior espírito organizador e de um alevantado e grande patriotismo.

Quiz V. Ex.ª em consequência das funções que exerço e por virtude de delas ter solicitado dispensa, elucidar-me sôbre os pontos de vista de V. Ex.ª acêrca da grave questão da Defêsa Nacional e perdoe-me o dize-lo, se nissso há excesso de imodéstia, que êsses pontos de vista se coadunam completamente com o que de há muito julgava deverem ser os princípios orientadores da Defêsa Nacional em Portugal.

Em mais de 44 anos de vida militar jàmais me pesa na consciência ter praticado a lisonja; falo com a convicção que me é dada pelo conhecimento de uma situação e de um momento que bem conheço: V. Ex.ª era a única pessôa que na difícil hora que atravessamos podia, com proveito para Portugal, exercer o cargo de Ministro da Guerra e àssumindo-o revela bem conhecer a situação presente, a sua gravidade e delicadeza.

No exercicio do cargo de que hoje se investe, póde V. Ex.ª contar com a boa vontade e dedicação de tôdo o Exército do qual vai conhecer e apreciar as grandes qualidades morais e verá que êle está sempre pronto a tôdos os trabalhos e sacrifícios para sua maior honra e glória da Pátria. Assim saibam compreeendê-lo e dirigi-lo.

De mim, sejam quais fôrem as funções em que V. Ex.ª me quiser utilizar, contará com uma fraca inteligência, mas com a mais decidida boa vontade em servir a Pátria e o Exército sob a superior orientação de V. Ex.ª.»

Estás a perceber, leitor?

Na hora que passa tem de ser assim.

memória dêste homem, que tendo vivido no fastígio da glória, morreu tão pobre que, se não fôra a esposa, teria de ser sepultado, como Aristides, o justo, à custa da nação ou dos amigos!

Se o amor da família, se o amor da terra onde viu a primeira luz e onde sorriram os primeiros anos, aquilatam o indivíduo, quem, como êle, ardeu tanto nêstes amores?

Que olhos pódem abrir-se nesta cidade que não sejam um monumento, uma testemunha eloqüente e sempre viva do seu estremoso afecto para com ela?

O caminho de ferro — êste sonho doirado de seus derradeiros anos... mal diria José Estêvão que o dia festival em que nêle tinha de vir a primeira vez à sua querida Aveiro, seria um dia de tanto luto! Mal pensava êle que a jornada seria única, porque já viria inanimado, e já ossos e podridão!

O amor da família... quem o não sabe? Tantos de nós que vimos os assíduos cuidados, os estremecidos desvelos do filho nos decrépitos dias do pai — o estalar de todas as fibras do seu coração, quando o venerando velho descansou no Senhor — podemos dar um cabal testemunho do amor da família de José Estêvão.

Pizamos aqui cinzas de mortos. Mais duma geração já sepultámos aqui. Todos êles conheceram; talvez todos amaram José Estêvão. Se todas essas cinzas e êsses ossos já gastos, por um milagre de Deus se reunissem agora alguns momentos, vêr-se ía uma cidade de finados, nossos parentes, e amigos nossos, receber com silencioso respeito no seu grémio os despojos mortais de tão grande varão.

O que era rei da eloqüência, jaz ía mudo e gelado.

Agora é só mais um morto entre os mortos. Tal é o nada desta vida! Agora o filho vai descansar junto do pai, e junto da filhinha inocente, até ouvir os sons da trombêta do arcanjo.»

Eram 11 horas da noite — diz um cronista — quando as descargas da fôrça militar anunciaram que as cerimónias fúnebres estavam terminadas e que José Estêvão, o grande orador, o eminente político, o prestante cidadão, o mais dedicado filho desta terra, descansava no lugar que escolhera para dormir o sono eterno.

Faz hoje 72 anos.

Efemérides

16 de Maio

1832 — Mousinho da Silveira decreta o registo civil obrigatório.

1909 — Blasco Ibañez, a convite do Centro Republicano Académico, realiza uma conferência brilhantíssima na séde da Sociedade de Geografia, em Lisboa.

O 28 de Maio

=o=

O povo português prepara se pa a festejar condignamente a data em que se iniciou o resgate da sua Pátria, pelo que já no dia 26 se realizarão em Braga, onde principiou, há dez anos, o movimento nacional, imponentes cerimónias, que Lisboa secundará, glorificando os homens a quem um acendrado patriotismo levou a fazerem do seu e nosso País uma terra diferente — mais bela, progressiva, rica e tranqüila.

Associarnos-hemos porque, acima de tudo, temos colocado o prestígio da República e os interêsses colectivos da Nação.

O TEMPO

—o—

Não há que dizer: o mez de Maio, que é o mez das rosas, das flôres, o mais lindo mez da Primavera, está-se portando bem, parecendo que as chuvas se afastaram para longe.

Oxalá. Mesmo porque atraz da tempestade temos direito à bonança.

Excursões

—o—

Aveiro começa a encher-se de caras novas, multiplicando-se dia a dia os visitantes ávidos de sensações.

Os espanhois têm dado grande contingente.

E' que se sentem bem com êsses ares...

São mais puros e... frescos.

Procissão de Santa Joana

Sai àmanhã de tarde, da igreja de Jesus, o cortejo religioso que noutros tempos marcou pelo seu explendor. Encorporam-se nela a *Banda Amisade* e a dos Bombeiros Guilherme G. Fernandes.

Falta de luz

Agora chegou a vez à Rua Manuel Firmino onde existe uma lâmpada que há mais de quinze dias não dá luz.

Notas do Banco

—o—

Vão entrar em circulação novas notas de 50$00, que terão a efígie do Duque de Saldanha e uma vinhêta representando o monumento erigido, em Lisboa, àquêle titular.

E' que algumas andam aí já bastante sebentas.

Necrologia

Por se terem agravado os antigos padecimentos, deixou de existir, no domingo, a sr.ª Maria Carolina dos Santos Carau, de 77 anos de idade. O seu cadáver foi sepultado no cemitério central, depois de ter permanecido na capela de S. Gonçalinho, donde saíu o enterro. Durante o percurso organizaram-se vários turnos e a chave da urna conduzia-a o neto da extinta, sr. José Martins Arroja, chefe-fiscal dos impostos da Câmara Municipal, a quem apresentâmos pêsames assim como à restante família enlutada.

«GATO-PRETO»

—o—

Êste café-restaurante, situado próximo do Rossio e que há pouco foi trespassado, anda em obras, contando-nos que vai passar por grandes modificações.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos; àmanhã, a sr.ª D. Maria de Lourdes Carvalho Vilaça, filha do sr. Domingos Vilaça; no dia 18, as sr.as D. Adelaide da Costa Crêspo, filha da sr.ª D. Adelaide Gamelas e Costa e D. Amélia Dinis Freire, esposa do sr. António Nunes Freire, comerciante no Congo Belga; em 19, a sr.ª D. Ilda Maria Tavares da Silva, prendada filha do sr. José Tavares da Silva, residente em Lisboa; em 20, a sr.ª D. Maria Júlia de Sousa Lopes, esposa do nosso velho amigo José de Sousa Lopes, e o inocente Joaquim Duarte, filho do sr. João Eugénio Peixinho e o também nosso amigo Antero Alves da Cunha, 1.º sargento de Infantaria 13, de Vila Real; em 21, a menina Irene Trindade Ferreira, filha do sr. António Ferreira e em 22, a sr.ª D. Leontina Pina de Oliveira Pinto, esposa do sr. Elias Gamelas de Oliveira Pinto, amanuense do Govêrno Civil.

—Também hoje e segunda-feira festejam os seus aniversários os meninos Amadeu e Maria Berta, filhos do sr. Amadeu Amador, da importante firma Testa & Amadores, desta cidade.

Parabens.

Gente nova

Deu à luz, na quarta-feira, uma creança do sexo feminino a sr.ª D. Clementina Coelho da Silva, esposa do sr. Victor Neto e filha do sr. Victor Coelho da Silva.

—Em Nova Gôa (India Portuguesa) também teve o seu bom sucesso, dando à luz uma menina, a sr.ª D. Filomena Alvim Ferreira de Pinho, esposa do nosso conterrâneo sr. alferes Pompeu Matias de Pinho, director da Cadeia Civil daquela cidade.

Muitas venturas desejamos às recem-nascidas.

Partidas e Chegadas

Esteve quarta-feira nesta cidade, tendo já regressado a Coimbra, onde reside, o nosso amigo sr. Aldobrando Leitão, a quem nos foi grato cumprimentar.

—Também aqui vimos esta semana os srs. Francisco Lopes Oleastro e Fernando Bessa, professores, respectivamente em Águeda e Fontinha; António Máximo Júnior, residente em Espinho e Delfim Alves Ferreira, de Albergaria-a-Velha.

Doentes

Não tem obtido quaisquer melhoras, continuando retida no leito, a sr.ª D. Maria das Dores Freire, esposa do nosso particular amigo sr. José Moreira Freire.

—Teem-se acentuado as melhoras dos srs. Manuel Lopes da Silva Guimarães e José Augusto Couceiro.

—Já vimos também na rua quási restabelecido, o sr. Firmino Fernandes, 1.º comandante dos Bombeiros Voluntários.

—Também adoeceu um filho do sr. Carlos Vieira Tavares, residente em Esgueira.

—Tendo entrado em convalescença já retirou para Coimbra o sr. António Augusto Martins, empregado na filial da Vacuum Oil Company daquela cidade.

—Em Verdemilho encontra-se com febre tifoide a gentil Maria Helena Grijó da Costa, filha do falecido professor José Teixeira da Costa.

A cultura do trigo

Uma importante medida pela qual é restituida ao lavrador a liberdade de o semear

O Ministério da Agricultura enviou esta semana à Imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Viu-se o Govêrno coagido a promulgar medidas restritivas da sementeira de trigo, por motivo do excedente que tinha transitado da colheita de 1934, da abundância da colheita de 1935, da abundância da lavoura se não ter mostrado inclinada a restringi-la, sem uma regra de orientação.

O mercado interno não podia absorver durante o ano e metade das quantidades disponíveis para consumo e não se tinha como certa a exportação nem a escassez de futuras colheitas. Permitir a acumulação excessiva de excedentes era contribuir para o agravamento de um problema já de si grave, em face das perturbações de ordem económica e financeira, que necessariamente havia de causar.

Em todo o caso, procurou-se que as restrições impostas fôssem as mais justificáveis e de mais fácil aceitação.

Por isso, respeitavam às terras de que poderia retirar-se rendimento ou aos casos em que a sementeira não é, em princípio, de aconselhar.

Ainda em Setembro o Govêrno persistia na ideia de manter essas restrições ou mesmo de as ampliar.

Tudo, porém, deve considerar-se modificado. De um ciclo de abundância, devido às condições climatéricas favoráveis nos últimos anos, ao impulso renovador do Estado e ao esfôrço da lavoura, caiu-se num inverno excepcionalmente duro e chuvoso que assolou os campos, destruíu as searas e prejudicou as colheitas. Por outro lado, do excedente que existia, já se exportou uma parte considerável.

Continua assegurado o abastecimento de trigo para o ano que vem, ainda que seja mínima a produção da próxima colheita. Mas tem de considerar-se que cessaram os motivos da intervenção directa do Estado no sentido da restrição da cultura. Os lavradores possuem hoje o conhecimento mais perfeito das condições de produção e comércio de trigos e das práticas culturais e têm mostrado compreender o princípio de solidariedade que na doutrina do Estado Novo deve ligar entre si os patrões e os trabalhadores do campo, para a realização dos fins superiores da colectividade nacionalista. Por isso, hão-de fazer certamente da liberdade que agora lhes é restituída a melhor utilização.

O objectivo de ordem económica que de novo se lhes apresenta é o de semearem e de produzirem o suficiente para nos bastarmos. As sobras que houver ou se reservam para os anos de falta ou se vendem em conformidade com a regra-limite estabelecida na lei.

Isto não quer dizer que se ponham de parte os princípios anunciados por mais de uma vez ao tratar do problema dos trigos:

Que, de um modo geral, não é conveniente as sementeiras sucessivas de trigo na mesma terra, por ser factor de esterilidade;

Que devem respeitar-se as rotações e afolhamentos, segundo o plano racional de exploração;

Que deve intensificar-se a cultura nas terras aptas, destinando as outras à cultura foraginosa, arborícola, florestal, etc.

Mas a acção do Estado deve exercer-se, de preferência, pelas demonstrações das vantagens da aplicação destres princípios, pela divulgação de contas da cultura e pela propaganda, e sobretudo, dada a irregularidade das nossas condições climatéricas, pela continuação da política de protecção à cultura do trigo.

No relatório que precede o decreto n.º 25.732, definiu-se o pensamento do Govêrno nos termos seguintes:

Hão-de pensar alguns e outros afirmá-lo, que a modificação de preços significa modificação da política de protecção à política do trigo. Não é verdade. O Govêrno sabe que a sua cultura nos últimos tempos tem evitado a sangria de ouro, tem favorecido o trabalho e ajudado a economia geral.

E acrescentou:

Esta protecção irá até onde fôr necessária, em harmonia com a evolução económica.

Foi então que já em tempo se elevou para 1$40 o preço médio do trigo da colheita de 1936.

Tais são os factos e as razões que levam o govêrno a não renovar as disposições restritivas, contidas no decreto 25.947, de 15 de Outubro de 1935, cujo prazo de vigência caduca no fim do ano cerialífero corrente. Torna-se, pois, à liberdade da sementeira do trigo.

Infere-se por tudo quanto fica transcrito, que o Govêrno não descura nem os interêsses do país, nem os interêsses dos lavradores.

Muito bem! Muito bem! Muito bem!

Fiquem os homens do campo sabendo que o Govêrno, longe de os pretender lesar ou prejudicar, deseja mas é que tudo corra de maneira a não causar embaraços na economia.

E a prova está à vista.

Correspondencias

Costa do Valado, 14

Saíu já da cama, o que não vai sem tempo, o nosso amigo, sr. Manuel Gomes Ferreira, que há mezes partiu uma perna.

—Consorciou-se com a filha Alice do sr. António de Azevedo Lopes, uma das mais simpáticas raparigas da Costa, o sr. Virgílio Rangel, de Aradas.

—Também casou com Prazeres Martins da Costa, o oficial de caldeireiro Manuel Lopes Felício.

—Foi êste ano muito elevado o número de carros e camionetes que por aqui passaram em direcção a Fátima e depois na volta, havendo peregrinos que vieram dos confins do norte.

De Alfândega da Fé e de Fafe vimos nós passar gente!

O que é a fé!

— Está entre nós o sr. Albano Nunes Génio.

C.

Oliveirinha, 14

Anda a ser reparada convenientemente a estrada que segue à Cruz Alta, de S. Bernardo, estando também para breve o conserto da que vai ter à Gândara e Costa do Valado.

Era preciso,

—Esteve bastante mal, na Moita, o sr. Manuel de Oliveira, sogro do nosso amigo Artur Lopes das Neves. É seu médico assistente o sr. dr. Ernesto de Paiva, que constatou tratar-se de um tétano.

Fazemos votos pelo restabelecimento do enfermo.

C.

Secção desportiva

Foot-Ball

Galitos 4 — Estrela 2

Os desafios marcados para domingo, no Estádio Municipal, entre *Galitos — Estrela* e *Beira-Mar — A. D. Ovarense* chamaram ao nosso campo de jogos, situado no Parque, grande número de desportistas que assistiram, cheios de interêsse, ao desenrolar das duas partidas em que saíram vencedores os *teams* locais, respectivamente por 4-2 e 6-0.

No primeiro encontro e na primeira parte o *Estrela*, a-pesar-de jogar com vento desfavorável, fez melhor exibição que os aveirenses, evidenciando superioridade, valendo aos ultimos o trio defensivo, especialmente Loura, que teve um trabalho insano para impedir que as rêdes do seu club fôssem tocadas. O assédio dos vareiros foi constante e o ponto de honra, que marcaram nêstes 45 minutos, foi feito por um jogador aveirense, que anichou o esférico nas suas próprias rêdes!

Galitos, a-pesar-de jogar menos, fez algumas avançadas bem conduzidas e com a ajuda do vento que soprava com certa violência, conseguiu, antes do descanso regulamentar, elevar o marcador para 3-1.

Na segunda-parte o *Estrela* entrou em campo com a moral perdida e sem o *elan* que o caracterisou, notando-se agora os aveirenses a jogar melhor. Registaram-se mais dois *goals*, um para cada lado, terminando o encontro com os *Galitos* a ganhar por 4-2.

A arbitragem prejudicou os dois grupos.

A.

Beira-Mar 6 — Ovarense 0

A tarde de domingo passado é daquelas que marca uma grande etapa na história da vida dum club, pois teve o condão de reatar velhas amisades entre a *Associação Desportiva Ovarense* e *Sport Club Beira-Mar*, desta cidade.

Os organizadores de tão importante encontro devem sentir-se satisfeitos, como aliás todo o público que teve a felicidade de assistir a esta partida, com o decorrer do jôgo, pois a actuação dos dois grupos foi de molde a não merecer reparos, debaixo de todos os pontos de vista.

Produziu-se bom *association*, dentro da máxima correcção, sem qualquer esbôço, sequer, de jôgo duro ou violento, o que raramente sucede e é para admirar se atendermos à pesada derrota sofrida pelo actual detentor do título máximo do futebol no distrito que, a-pesar-de tudo, não se desnorteou e soube defender-se como poucos. Bela lição de desportivismo que bem pode contrastar-se com a atitude do *Sanjoanense* no desafio ùltimamente aqui realizado!...

O resultado de 6-0 a favor do club local é suficiente para dispensar um relato minucioso. Ganhou aquêle que melhor futebol desenvolveu e o que mais dominou técnica e territorialmente.

Na primeira parte os dois grupos não encontraram a sua toada de jôgo, embora logo de entrada o *Beira-Mar* fizesse arriscada descida até à porta da *Ovarense* onde foi inutilizada por uma grande penalidade que Décio, avançado-centro aveirense, converteu em *goal*.

Nota-se que o vento prejudica o bom andamento da partida, fazendo-se jôgo por alto o que dá em resultado andar o esférico cá e lá, ao sabor da corrente.

Os médios *Beira-Mar* não cumprem e os defêsas têm falhanços perigosos. A *Ovarense* ataca um pouco, mas dentro em breve vê as suas rêdes furadas: 2-0, a favor do *Beira-Mar*.

Póde dizer-se que nesta primeira parte os grupos se equilibraram, tendo brilhado um pouco a defêsa de Ovar. Houve alguns cantos, duma e doutro lado, e uma situação de perigo para as rêdes locais.

Inicia-se a segunda parte, jogando agora a *Ovarense* com vento e sol a favor. Sai o *Beira-Mar* que lança imediatamente, em grande profundidade, o seu extremo esquerdo, desenhando uma linda avançada a morrer nas defêsas de Ovar.

A bola volta novamente ao meio campo onde os interiores *Beira Mar*, particularmente Maximiano, fazem vistoso jôgo de combinação, òtimamente servidos pelos médios. As descidas ao terreno adversário sucedem-se ininterruptamente, observando-se então o crescimento dos oito homens do *Beira-Mar*, dianteiros e médios. E fazem-se 4 pontos, como podiam ter-se feito mais...

A *Ovarense* defende-se a todo o transe e só de tempos a tempos tem rápidas fugidas, que nada resultam. Os seus homens sentem-se esgotados, devido ao trabalho exaustivo de defêsa contínua em que se têm mantido e parecem estranhar a grandeza do campo.

O encontro terminou, como se disse, com o elevado *score* de 6-0 a favor do grupo local, resultado perfeitamente ajustável à marcha do jôgo.

Não devemos destacar os melhores jogadores. Todos cumpriram, num e noutro campo, sem reparos de maior.

A arbitragem de Augusto Lopes teve uma grande qualidade: procurou acertar e ser imparcial, o que já é alguma coisa. Ainda não vimos arbitrar melhor aqui em Aveiro.

No final do encontro foi oferecido ao grupo de Ovar um *Porto de Honra* o qual teve lugar no *Sport Club Beira-Mar* e serviu de pretexto para afirmações de amisade entre os dois clubes.

A' noite também o sr. Marino Moreira, funcionário colonial, actualmente no gôso de licença, quiz homenagear o *onze* vencedor, oferecendo aos jogadores uma taça de espumoso, tendo levantado a sua para brindar pelas prosperidades do club, sentindo-se imensamente regosijado pela vitória alcançada.

Respondeu o sr. dr. Pedro Ferreira, em nome da direcção do *Beira-Mar*, tendo também usado da palavra os srs. dr. José Cristo, Evangelista Ramalheira, dr. Manuel Esteves, Estêvão Puskas e por fim Elias Gamelas.

X.

Este número foi visado pela Censura

A fechar

A criada:
—O' minha senhora está um rato na ratoeira!
A Senhora:
—Então você não pode afogá-lo?
A criada:
—Posso, sim, minha senhora. Mas a senhora acha que êle gostará mais de água quente ou fria?

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

1.ª publicação

No dia 24 do corrente mez de maio, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução por custas e selos que o Magistrado do Ministério Publico nesta comarca move contra Amadeu Rito e mulher, Ana Ferreira, agricultores, residentes na Ponte de Vagos por, apenso á acção sumarissima em que é autora Maria da Luz Naia Pacheco, solteira, maior, comerciante, de Aveiro, e réus os executados, se ha-de proceder á arrematação em hasta pública, afim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, acima da sua respectiva avaliação, do seguinte predio:

Umas casas e quintal, sitas na Ponte de Vagos, freguesia de Calvão, avaliadas na quantia de 450$00. Pelo presente são citados quaisquer credores inceitos para assistirem á arrematação e uzarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 14 de Maio de 1936

O Juiz de Direito da 2.ª Vara
Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara
João Antonio de Morais Sarmento